



ARTIGO

A MENSAGEM DE CLARICE LISPECTOR: TRADUÇÃO, LÉXICO, SIMBOLISMOS E SUAS INTERFACES COM A PSICOLOGIA ANALÍTICA JUNGUIANA

Celso Fernando Rocha

*Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, campus de São José do Rio Preto
(IBILCE/UNESP), Brasil
celso.rocha@unesp.br*

Talita Serpa

*Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, campus de São José do Rio Preto
(IBILCE/UNESP), Brasil
talita.serpa@unesp.br*

DOI: <https://doi.org/10.26512/caleidoscopio.v4i2.29839>

Recebido em: 06/03/2020

Aceito em: 11/11/2020

Publicado em maio de 2021

RESUMO: O objetivo deste artigo é descrever o emprego do léxico de maior chavidade no conto *A mensagem*, de Clarice Lispector, e em sua respectiva tradução para a língua inglesa, realizada por Giovanni Pontiero, sob o título *The Message*. Os subsídios teórico-metodológicos empregados advêm de conceituações propostas pela Linguística de Corpus e pelos Estudos da Tradução Baseados em Corpus. No que diz respeito ao instrumental analítico, fazemos uso da psicologia analítica junguiana e, quando relevante, do aporte do dicionário de símbolos de Jean Chevalier, com intuito de estabelecermos uma leitura pautada na observação da rede significativa construída por meio do léxico. São apresentadas ainda, em alguns excertos, as transformações sofridas pelo referido conjunto lexical no que tange ao seu emprego no texto de chegada.

Palavras-chave: *Linguística de Corpus, léxico e tradução, literatura brasileira traduzida, Clarice Lispector, psicologia analítica.*

THE MESSAGE BY CLARICE LISPECTOR: LEXICON, CORPORA, SYMBOLISM AND THEIR INTERFACES WITH PSYCHOANALYSIS

ABSTRACT: The main objective of this paper is to describe the use of the lexicon with high keyness in Clarice Lispector's short story, *A Mensagem*, and in its respective translation into English, performed by Giovanni Pontiero, under the title *The Message*. The theoretical-methodological approach employed is based on concepts proposed by Corpus Linguistics and by Corpus-Based Translation Studies. With regard to the analytical instruments, we used Jungian psychology as well as the contributions of Chevalier's dictionary of symbols, in order to establish a reading which considers the observation of



the significant network constructed through lexicon. In the end, we also intended to present, in some excerpts, the transformations undergone by the lexical set with regard to its use in the target text.

Keywords: *Corpus Linguistics, lexicon and translation, Translated Brazilian literature, Clarice Lispector, analytical psychology.*

Introdução

Neste trabalho, buscamos iniciar uma análise do conjunto vocabular de maior chavidade⁷² no conto *A mensagem*, da obra *A legião estrangeira* (1964) de Clarice Lispector e em sua respectiva tradução levada a cabo por Giovani Pontiero em 1992, sob o título *The Message*. Tencionamos, com isso, observar possíveis sentidos produzidos tanto no texto de partida (doravante TP)⁷³ quanto no texto de chegada (doravante TC), em relação ao emprego das escolhas lexicais na composição textual de autora e tradutor. Desse modo, entendemos que estudar léxico e tradução por meio do uso de ferramentas de *corpora* representa um ponto de junção privilegiado ao favorecer a apreensão de sentidos e valores que podem não ser tão evidentes na leitura do texto como um todo, tomando como base somente a perspectiva monolíngue.

Sabemos que o processo tradutório, conforme autores como Bassnett (2003), Munday (2001), Steiner (1998) e Holmes (1988), é permeado por aspectos históricos, sociais e linguísticos, os quais, associados, desembocam na construção dos sentidos do TC. E, além disso, a sensibilidade e percepção das sutilezas do TP passam pelo olhar do tradutor (ARROJO, 2003; FROTA, 1999), fazendo com que o TC seja, também, mediado pela primeira de muitas interpretações. Contrastar o TP e o TC traz como consequência uma aproximação de ambas as textualidades e dos múltiplos dizeres explícitos e implícitos na linguagem. Promove conscientização sobre as dificuldades inerentes ao trabalho de tradução literária e evidencia aspectos linguísticos significativos nas obras.

⁷² Compreendemos por chavidade a relação estatística entre a ocorrência de dada palavra em um *corpus* de estudo e a importância que assume para o léxico de uma área de especialidade.

⁷³ Nos Estudos da Tradução há emprego de conceitos como texto original, texto traduzido, texto fonte, texto meta, texto de partida e texto de chegada; cada um representa uma concepção acerca dos contornos teóricos e filosóficos sobre o que seria um texto traduzido e seu texto original. Desse modo, adotamos os termos texto de partida e texto de chegada por serem os mais adotados nos estudos sobre a tradução das obras de Clarice Lispector dentro de nosso grupo de pesquisa.



Dessa forma, estreitamos nossa investigação no conto, com o intuito de desvelar, por meio da análise das escolhas lexicais em Língua Fonte (LF) e Língua Meta (LM), as inquietações e provocações aos leitores, os quais, muitas vezes, podem mostrar-se acostumados com uma tessitura mais “canônica”, ou seja, que adotam uma narrativa estruturada e temática logicamente entrelaçada pelo narrador como aquela dada como correta ou mais reticente.

O caminho rumo ao encontro, o reconhecimento, a vivência precária, o estranhamento e rompimento de dois seres humanos é pavimentado por meio do emprego de um conjunto vocabular coeso e altamente simbólico. Sendo assim, entendemos que toda a escrita do conto está plasmada por meio da matéria arredia oriunda das emoções e sentimentos humanos em situação de encontro amoroso. Mesmo sendo uma situação de difícil caracterização em termos profundos, Lispector a apresenta de maneira aparentemente simples. Isso se dá por conta do emprego de símbolos e palavras que são ora compreendidos por seu sentido mais superficial e que, no entanto, guardam uma carga semântica intrincada e complexa que dialoga diretamente com espírito humano, conforme exploraremos com base nas teorias psicanalíticas.

Cabe ressaltar que utilizamos o software *WordSmith Tools* (versão 6), partindo do pressuposto de que ao encontrarmos as palavras de maior chavicidade podemos nos pautar em seus usos, repetições e contextos para compor nossa interpretação do conto em tela, promovendo correlações entre o léxico e proposições advindas da psicologia analítica de Jung (2016 [1964⁷⁴]), atrelando-as, ainda, à concepção simbólica de alguns vocábulos, mantendo a ênfase no item “casa”.

Pensamos que o levantamento e seleção dos dados realizados com base nas teorias da Linguística de Corpus (BERBER SARDINHA, 2003, 2004; TOGNINI-BONELLI, 2001) e dos Estudos da Tradução Baseados em Corpus (BAKER, 1993, 1995, 1996; CAMARGO, 2007) aportam instrumental teórico-metodológico valioso no sentido de aproximação e explicação do emprego do léxico de maior chavicidade nos *corpora* analisados.

⁷⁴Utilizamos a terceira edição especial brasileira, de 2016. A obra original foi publicada pela primeira vez em 1964.



Breve percurso teórico

É notório que nas últimas décadas, os estudos envolvendo a análise das obras clariceanas bem como de suas traduções, com base no uso das ferramentas e premissas da Linguística de *Corpus* (BERBER SARDINHA, 2004; TOGNINI-BONELLI, 2000), foram amplamente divulgados nos meios acadêmicos (LIMA, 2005; MAURI, 2009). Contudo, poucas foram as análises centradas na obra *A Legião Estrangeira* (1964) (ROCHA, CAMARGO, 2012; HANES, GUERINI, 2016; DE FREITAS, COSTA, 2017) e nas possíveis correlações de sentido estabelecidas entre o conjunto lexical mais frequente e de maior chavicidade, as simbologias expressas por Lispector e suas interpretações amparadas pelas teorias psicanalíticas (JUNG, 2016) a respeito dos conceitos de *animus* e *anima*.

Sendo assim, pautamo-nos, a princípio, nas premissas dos Estudos da Tradução Baseados em *Corpus* (BAKER, 1993,1995, 1996; LAVIOSA, 2002). Na sequência, apresentamos o conceito de *palavra*, o qual é importante ao entendimento de nossa investigação. Apresentamos, ainda, alguns conceitos preliminares advindos da psicologia analítica junguiana (2016), os quais ancoram nossa aproximação e a justifica, uma vez que, segundo Mercadé (2015, p. 143), “as teorias psicanalíticas, centradas na linguagem, e sua reflexão a respeito da capacidade da palavra em ocultar ou desvelar, seriam legítimos pontos de partida a partir dos quais abordar a criação literária”. Não menos importante, exploramos algumas simbologias presentes na obra em tela.

Estudos de *corpora* na tradução

Para Mona Baker,

[Os] textos traduzidos registram eventos comunicativos genuínos e como tais não são nem inferiores nem superiores a outros eventos comunicativos em qualquer língua. Entretanto, eles são diferentes, e a natureza dessa diferença precisa ser explorada e registrada.⁷⁵ (BAKER, 1993, p.234)

Esta proposição salienta um quadro epistemológico que abrange os principais fatores que compõem o processo tradutório, formulando uma análise reflexiva do ato, do

⁷⁵ *Translated texts record genuine communicative events and as such are neither inferior nor superior to other communicative events in any language. They are however different, and the nature of this difference needs to be explored and recorded.* [Todas as traduções presentes em nosso trabalho são de nossa responsabilidade quando não mencionado o tradutor].



processo e do produto da tradução. A apreciação dos textos traduzidos é realizada em seu ambiente de interação e favorece o enfoque comparativo, dentro de um procedimento empirista, de observação de usos em *corpora* eletrônicos. A pesquisadora propõe uma forma de análise dos dados linguísticos que os vincula não somente aos valores culturais, mas também à própria natureza do TC e dos procedimentos adotados para a tradução, ou seja, delimita o objeto, bem como o método, para uma investigação científica inovadora e independente.

Sara Laviosa também segue os princípios dos Estudos da Tradução Baseados em Corpus e afirma que

[o]s Estudos da Tradução Baseados em Corpus representam uma área de pesquisa que tem atraído um número crescente de pesquisadores entusiastas que acreditam firmemente em seu potencial de fornecer informação para projetos bem elaborados realizados no mundo todo bem como de reconciliar a pluralidade de necessidades e interesses dentro da disciplina.⁷⁶ (LAVIOSA, 2002, p.33).

A pesquisadora sugere que ocorre uma motivação racional para as opções adotadas pelos tradutores, a qual pode ser verificada e avaliada por meio de *corpora*.

O conceito de palavra

No *Dicionário de Linguística* (DUBOIS, et. al. 1993, p. 451), encabeçado por Jean Dubois, temos a seguinte definição para *palavra*

(...) um elemento linguístico significativo composto de um ou mais fonemas; essa sequência é suscetível de uma transcrição escrita (ideogramática, silabaria ou alfabética) compreendida entre dois espaços em branco; ela conserva sua forma, total ou parcialmente (no caso da flexão), em seus diversos empregos sintagmáticos; a palavra denota um objeto (substantivo), uma ação ou um estado (verbo), uma qualidade (adjetivo), uma relação (preposição), etc.

As palavras relacionam-se com os vocábulos, que são descritos como:

(...) a ocorrência de um lexema no discurso, na terminologia da estatística lexical. Como o termo lexema está reservado às unidades (virtuais) que compõem o

⁷⁶ *Corpus-based Translation Studies represent an area of research that is attracting a growing number of enthusiastic scholars who genuinely believe in its potential for informing well thought-out projects throughout the world and for reconciling the plurality of needs and interests within the discipline.*



léxico, o termo palavra é qualquer ocorrência realizada em fala, o vocábulo será a atualização de um lexema particular no discurso. Sob este ponto de vista, o lexema é uma unidade do léxico (estoque potencial do indivíduo ou da língua), enquanto o vocábulo e a palavra são unidades do vocabulário (unidades efetivamente empregadas num determinado uso de comunicação); a palavra representa então toda unidade emitida (...) enquanto o vocábulo representa uma unidade particular emitida considerada em referência ao léxico. (DUBOIS, et. al. 1973, p. 614).

Também, nas teorizações de Barbosa (1990, 1998), a estudiosa pontua que as *palavras* são plurifuncionais, e a determinação de sua funcionalidade depende de sua inserção em uma textualidade.

Cabe acrescentar que as definições de palavra e vocábulo são complexas e multifacetadas ao depender profundamente da subárea em tela. Assim, adotamos tais conceitos mencionados anteriormente, aliando-os com a concepção mais fluida de texto da Literatura, que se debruça mais detidamente sobre o evento comunicativo *per se*.

Animus, anima e individuação

Os termos *animus* e *anima* são oriundos da língua latina e foram adotados por Carl Gustav Jung (2016) para descrever o traço contrassexual presente em cada ser humano (podem apresentar aspectos positivos e negativos). Ambos são complementários e se movem no subconsciente dos indivíduos rumo a expressões ou manifestações de princípios relacionados ao masculino e ao feminino. Quando se trata de uma mulher, seu princípio interior é regido pelo *animus* (elemento masculino). No caso do homem, a personificação feminina do seu subconsciente recebe o nome de *anima*, ou personificação das tendências psicológicas femininas na psique do homem.

O *animus*, elemento masculino interior, manifesta-se na mulher e, segundo Jung (2016), apresenta-se:

Como uma convicção secreta, sagrada. Quando uma mulher anuncia tal convicção com voz forte, masculina e insistente, ou impõe às outras pessoas por meio de cenas violentas, reconhece-se facilmente sua masculinidade encoberta. No entanto, mesmo em uma mulher que exteriormente se revele muito feminina, o *animus* pode também ter uma força firme e inexorável (JUNG, 2016, p. 251).



O *animus*, na mulher, recebe aporte do contato anterior entre pai e filha, ou seja, herdamos do pai, os traços do masculino. São convicções, respostas únicas e verdadeiras firmes que muitas vezes não representam uma determinada mulher. O autor ainda menciona que o *animus*, quando negativo, manifesta-se também como:

uma estranha passividade, uma paralização de todos os sentimentos ou uma profunda insegurança que pode levar a uma sensação de nulidade e de vazio é, às vezes, o resultado de uma opinião inconsciente do *animus*. No mais íntimo de uma mulher murmura o *animus*: “você não tem salvação. Para que lutar? Não vale a pena realizar nada. (JUNG, 2016, p. 255).

Ainda, conforme as ideias de Jung, o ego se identifica com esses pensamentos e é muito difícil “destacar-se”, ou seja, é como se o ser não pudesse deixar de pensar da forma como se pensa.

Por seu turno, a *anima* pode simbolizar algo irreal, aconchego, amor materno, herdado pelo homem via contato com a mãe, personificando o inconsciente masculino.

Assim como no caso do *animus*, ela se manifesta por meio de aspectos positivos e negativos. A opressão, a tristeza, o sombrio e a angústia são traços mais destacados desse lado maléfico. O não-sentido, a falta de prazer e a ideia de que nada funciona é parte integrante da *anima* também. No caso dos traços positivos, pode-se citar a receptividade ao irracional, intuição, capacidade para amar, sensibilidade à natureza e o relacionamento com o subconsciente. (cf. Jung).

O conto *A mensagem* abre-se para uma possível leitura que relaciona ponto a ponto o conflito instaurado (entre um moço e uma moça) com as proffucas ideias junguianas. Em cada contato das personagens há emprego de léxico que materializa a polarização entre os dois princípios (*animus* e *anima*). No entanto, sem resolução ou integração dos polos. Nesse sentido, cabe mencionar que para o autor, haveria um processo que receberia o nome de *individuação*, uma etapa em que haveria uma compreensão mais profunda de nossas vivências.



Metodologia

Adotamos os procedimentos teóricos-metodológicos da Linguística de Corpus e, por meio de uma abordagem *qualiquantitativa*, analisamos o cotexto⁷⁷ (e contexto) ao redor das *palavras* “angústia”, “moça” e “casa” no conto *A mensagem*, buscando apresentar uma leitura mediada pelos princípios da psicologia analítica junguiana, com base nos excertos bilíngues extraídos das obras em língua portuguesa e língua inglesa. Em alguns momentos, nos atemos mais ao TP, efetuando, quando necessário, contrastes com o TC.

Após a leitura do TP e do TC, o primeiro passo adotado foi a organização dos textos em colunas para facilitar o cotejamento e a inserção de notas qualitativas. Posteriormente, o levantamento dos vocábulos mais frequentes dos textos em português e em inglês foi feito com o auxílio do *WordSmith Tools* (versão 6.0) (doravante WTS). Trata-se de um software criado por Michael Scott, professor da Universidade de Liverpool, que possui três ferramentas: *WordList*, *KeyWords* e *Concord*.

Empregamos dois utilitários do programa; por meio do auxílio da ferramenta *KeyWords*, foi possível criar listas de palavras por ordem de chavidade para o TP e o TC, considerando que tal critério se estabelece como sendo o “grau de destaque das palavras no sentido de serem anormalmente frequentes no corpus de estudo em relação ao corpus de referência”⁷⁸ (GERBER, VASILÉVSKI, 2007). A ferramenta *Concord* foi responsável por gerar os cotextos de “moça”, “angústia” e “casa” e seus nódulos nos respectivos textos em língua portuguesa e língua inglesa. O critério de seleção das palavras e de seus nódulos foi quanti-qualitativo e foi levada em consideração a sequência narrativa em termos de processos pelos quais as personagens passam até o rompimento da relação.

⁷⁷ Para Berber Sardinha (2004), o cotexto é um pequeno conjunto das palavras que circunscrevem a palavra de busca dentro de um corpus.

⁷⁸ Para a extração de palavras-chave é necessário trabalhar com *corpora* de referência pelo menos cinco vezes maiores que os *corpora* de estudo. Dessa forma, em português, utilizamos o Lácio-Ref, um corpus aberto e de referência do português contemporâneo do Projeto Lácio-Web, composto de textos em português brasileiro, os quais correspondem a produções dos gêneros jurídico, literário, informativo e jornalístico, compiladas pelo Núcleo Interinstitucional de Linguística Computacional (NILC), o qual reúne pesquisadores da Universidade de São Paulo (USP) em São Carlos, da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) e da Universidade Estadual Paulista (UNESP), câmpus de Araraquara. Da mesma maneira, para extrairmos as palavras-chave em inglês, empregamos como corpus de referência o *British National Corpus (BNC Sampler)*, composto por textos originalmente escritos em inglês e desenvolvido pela parceria de membros da *Oxford University Press*, *Longman Group Ltd.*, *Chambers Harrap*, *Oxford University Computing Services*, *UCREL Lancaster University* e *British Library Research and Development Centre*.



Alguns dados estatísticos

A partir da listagem de palavras-chave, elaboramos a observação do texto, atrelando-a a conscientização a respeito da importância da seleção lexical no momento da tradução. Compreendemos, em nossa análise, que a importância atribuída pela autora e por seu tradutor para um determinado item lexical é indispensável para o entendimento de sua construção simbólica e para as correlações de sentido compostas na narrativa.

Tabela 1. Chavicidade e frequência no TP e no TC.

| Vocábulo no TP | Chavicidade / Freq. | Vocábulo no TC | Chavicidade/ Freq. |
|----------------|---------------------|----------------|--------------------|
| Eles | 200,73/51 | <i>They</i> | 307,86/135 |
| Moça | 196,07/22 | <i>Girl</i> | 153,57/28 |
| Casa | 123,41/30 | <i>Anguish</i> | 135,61/13 |
| Era | 122,7/46 | <i>House</i> | 93,86/30 |
| Angústia | 122,5/14 | <i>Bus</i> | 135,61/14 |

Fonte: nossa autoria.

Conforme tabela 1, selecionamos as palavras de ordem substantival mencionadas em nossa Metodologia (“moça”, “casa” e “angústia”) para as análises por meio das linhas de concordância geradas pelo WST do TP e do TC. Buscamos proceder a uma análise contrastiva, verificando o cotexto (e contexto) da obra em língua portuguesa e em língua inglesa com vistas a descrever o emprego do léxico e seus aspectos simbólicos mais pronunciados. Os três itens servem ao propósito de estabelecer um percurso de leitura por meio do qual tomamos como unidade de análise qualitativa o texto na íntegra (TP e TC).

Pelo caminho estreito do léxico

“Angústia”, “moça” e “casa” condensam amplos feixes significativos e são palavras-chave para a análise mais aprofundada do texto. Focar a atenção nesses itens e realizar uma observação que busca desvendar sentidos produzidos pode auxiliar no processo de tradução, uma vez que possibilita ver o texto de modo mais coeso em termos de escolhas lexicais.



Com relação ao conto, a “angústia” permeia o contato de um casal e possibilita o reconhecimento mútuo entre as personagens. O encontro de dois estranhos se assenta sobre esse sentimento, a partir da singularização de uma emoção que fomenta o reconhecimento (projeção) do estado psíquico individual também no outro.

Para traduzir Lispector, pensamos que é preciso “estranhar” o léxico preferencial e recorrente, retirá-lo da tutela de um olhar racional ou pouco atento e vê-lo com desconfiança, observando as escolhas repetitivas. Nesse sentido, as *palavras* “(...) são obrigad[a]s a perder o seu sentido corrente para se amoldarem às necessidades de uma expressão muito sutil e muito tensa, de tal modo que a língua adquire o mesmo caráter dramático que o entreccho” (CANDIDO, 1970, p. 129).

A narração começa sem maiores contextualizações, as personagens são lançadas a apreciação do leitor:

| | |
|--|---|
| A princípio, quando a moça disse que sentia <i>angústia</i> , o rapaz se surpreendeu tanto que corou e mudou rapidamente de assunto para disfarçar o aceleramento do coração. ⁷⁹ (TP. Grifo do original). | <i>At first, when the girl said she felt anguish, the boy was so surprised that he blushed and quickly changed the subject, to conceal his quickening heartbeat.</i> (TC) |
|--|---|

Há, no conto, aproximação do princípio masculino e do princípio feminino. O homem começa a reconhecer-se na moça e estabelece um primeiro vínculo. A partir deste momento, a vivência entre os dois se aprofunda paulatinamente, sempre mediada pelo sentimento de “angústia”. No final, o rompimento entre as personagens deixa o rapaz entregue ao reconhecimento (precário ainda), do princípio feminino (*anima*). O moço, nas primeiras linhas do conto, é caracterizado como alguém que de mulher só recebera o beijo de mãe. Também é enfatizado seu sobressalto ao conversar com uma mulher sobre sentimentos íntimos ([...] ele se viu falando com ela na sua própria angústia, e logo com uma moça! TP). Na última linha, o mesmo mote, relacionado ao princípio feminino, o assombra. Talvez o levando a um nível anterior de desenvolvimento anímico (a palavra “mamãe” é dita, logo após a separação do casal.).

Cabe salientar que “angústia” decorre do latim *angor* e tem o sentido de estreitamento. Pode-se entender esse estreitamento como seminal no sentido de causar

⁷⁹ As indicações de páginas não estão incluídas nos excertos uma vez que os textos se encontram em formato digital. Também optamos por apresentar os trechos em quadros para facilitar o contraste.



“pareamento”, “reconhecimento” “autoconhecimento” e “singularização” junto a determinado objeto. Trata-se do momento em que é impossível não transparecer conteúdos da psique. O reconhecimento e a vivência de parte de sua personalidade não reconhecida passa a ser imperativo no fluxo de desenvolvimento anímico do rapaz.

Com relação ao TP, “disfarçar” manifesta pelo menos dois aspectos: a) tornar menos visível algo ou b) ocultar. De qualquer forma, o verbo deixa transparecer que a tentativa é impedir a percepção clara dos fatos pelo outro, mesmo que o acontecimento inicial já tenha deixado pouca margem para dúvida em relação ao impacto causado pelo descobrimento da angústia mútua. No TC, *conceal* apresenta-se com registro diferente, é um verbo formal em língua inglesa, e somente carrega o sentido de “esconder” algo de maneira cuidadosa. No *Longman Dictionary of Contemporary English* (1981), alguns exemplos abonados deixam evidente o sentido restritivo do verbo: a) *The shadows concealed her as she crept up to the house*; b) *a concealed weapon*; c) *to hide your real feelings or the truth*. Em a, b e c, o sentido é ocultar, sem que haja “intenção” de que se descubra as ações levada a cabo pelo sujeito. Como se trata do primeiro contato, e momento judicativo, é preciso “analisar” a moça para saber se ela corresponderia aos anseios reprimidos do rapaz. Há abertura e emoção suficientes para começar trocas com vistas à integração da sombra, ou parte desconhecida do moço. (o subconsciente comanda todo processo e as palavras irão começar a faltar no decorrer da narrativa).

Para Bachelard (1988) e Jung (2016), o psiquismo humano está assentado, em suas origens, no princípio da atemporalidade e no da não polarização entre feminino e masculino (seria junção de *anima* e *animus*; androgenia constitutiva inicial). A busca humana seria a integração dos polos opostos. Jung ainda afirma que “A *anima*, sendo feminina, é a figura que compensa a consciência masculina. Na mulher, a figura compensadora é de caráter masculino, e pode ser designada pelo nome de *animus*” (JUNG, 2011, Vol.VII, §328).

Após o reconhecimento das personagens (projeção), dão-se as trocas preliminares:

Conversavam também sobre livros, mal podiam esconder a urgência que tinham de pôr em dia tudo em que nunca antes haviam falado [...] Naturalmente, o fato dela também sofrer simplificara o modo de se tratar uma moça,

They also discussed books, barely able to conceal how anxious they were to catch up on all the things they had never discussed [...] Naturally, the fact that she was also suffering simplified the problem of how to treat a girl, by giving her a virile quality. He began treating her as a comrade. (TC).



conferindo-lhe um caráter masculino. Ele passou a tratá-la como camarada. (TP).

O termo projeção, oriundo da psicologia, diz respeito a um mecanismo de defesa do ego, uma forma encontrada para manter laços com o interno e o externo. Ver-se no outro. Segundo Gouvêa (2003):

Através do mecanismo de projeção o ser se abre ao universo, mistura-se com o “de fora” a fim de adequar o desejo inconsciente às exigências do mundo externo. Contudo, nessa dialética intermitente entre “mundo interno” e “mundo externo” o eu pode sucumbir. [...] Isso porque, embora sendo a realização do “si-mesmo” o alvo do processo de individuação, antes de tudo, é ele um arquétipo formado de forte numinosidade⁸⁰ que se for projetada indiscriminadamente no eu pode levá-lo a inflacionar (GOUVÊA, 2003, p. 72).

O autor ainda menciona que entrar em contato com o “si-mesmo” e todo o afeto reprimido pode levar a dois resultados: inflacionar (estados megalomaníacos) ou abandono do si mesmo e foco no “de fora”, entregando-se aos estímulos externos (rigidez em relação às demandas internas). Em uma passagem do conto, lemos: “O fato é que, tendo uma vez se encontrado na parte secreta deles mesmos, resultara na tentação e na esperança de um dia chegar ao máximo. Que máximo?” (TP).

No TP, o moço projeta seu “caráter masculino” na moça, nomeando-a com uma *palavra* de dois gêneros de amplo espectro semântico, usado para designar diversas relações estabelecidas entre seres humanos. Clarice não utiliza artigo indefinido, omissão significativa do ponto de vista narrativo, tornando o trecho mais ambíguo no TP do que no TC.

No TC, *discussed* ocorre duas vezes no lugar dos verbos “conversar” e “falar” em língua portuguesa. “Conversar” guarda sentido etimológico latino de estar em companhia de alguém, estar no mesmo lugar ou morar junto. Por sua vez, “Falar” traz o sentido de “entretenimento” e “narração”, de modo que outras palavras em língua portuguesa também estão ligadas a esse vocábulo (fabular e fabuloso). Tanto conversar quanto falar, além significarem estabelecimento de troca de informações por meio da língua, também podem desembocar no significado de soliloquio. Ambiguidade que é explorada por

⁸⁰ Grosso modo, o inconsciente irrompe no ego e torna-se presente na consciência por ocasião do encontro com o *numinoso* (ou experiências máximas), conceito cunhado por Jung. Isso ocorreria tanto na religião coletiva ou religião no sentido latino de *religare*, individual e transcendental.



Clarice, uma vez que suas personagens entram em estados psicológicos contemplativos e insondáveis. As trocas profundas vão murchando lentamente, deixando uma trajetória que começa com o reconhecimento no outro das fraquezas individuais e chega ao rompimento total no final e silêncio (a linguagem verbal não ofereceria subsídios para compreensão).

No TP, “mal podiam esconder a urgência” retrata a busca por consciência, a necessidade de verbalização do que estivera até então oculto. Não se trata mais de angústia ou ansiedade e sim de pressa no reconhecimento de facetas desconhecidas de cada um. No TC, houve escolha pela palavra *anxious*, que evidencia outros significados como, por exemplo, preocupação e ansiedade.

Ainda em relação ao aspecto de imissão dos traços femininos e masculinos:

Ela mesma também passou a ostentar com modéstia aureolada a própria angústia, como um novo sexo. Híbridos – ainda sem terem escolhido um modo pessoal de andar, e sem terem ainda uma caligrafia definitiva, cada dia a copiarem os pontos de aula com letra diferente – híbridos eles se procuravam, mal disfarçando a gravidade.

She also began to manifest her own anguish with haloed modesty as if it were a new sex. Hybrids - who so far had not chosen a personal life-style, who so far had not acquired any distinctive handwriting and took notes in class with a different lettering each day - hybrids, they searched out each other, scarcely able to conceal their earnestness.

Há por um breve momento o assumir, pela moça, do aspecto masculino. Não se trata da angústia *per se* e sim da maneira pela qual ela apresenta o sentimento em tela. A escolha de *ostentar* realça o caráter do *animus* (mais ativo) e, ao mesmo tempo, a “modéstia aureolada” (mais passivo) provoca o deslocamento semântico para o polo da *anima*. No TC, *manifest* não coloca em primeiro plano o caráter proativo com traços de hostilidade.

Em relação aos “objetivos” do encontro:

Que é, afinal, que eles queriam? Eles não sabiam, e usavam-se como quem se agarra em rochas menores até poder sozinho galgar a maior, a difícil e a impossível; usavam-se para se exercitarem na iniciação; usavam-se impacientes, ensaiando um com o outro o modo de bater asas para que enfim — cada um sozinho e liberto pudesse dar o grande vôo solitário que também significaria o adeus um do outro. Era isso? Eles se precisavam temporariamente, irritados pelo outro ser desastrado, um culpando o outro de não ter experiência. Falhavam em cada encontro,

What did they want in the end? They themselves did not know, and they used each other like someone clinging to the smaller rocks until they are able to scale the largest and most difficult rock of all, unaided; they used each other in order to prepare themselves for initiation; they used each other impatiently, teaching each other to flap their wings so that finally - alone and free - they might embark on the great solitary flight which would also mean separation. Was that it? They needed each other for a time, irked by each other's clumsiness, the one criticizing the other's lack of experience. They



como se numa cama se desiludissem. O que é, afinal, que queriam? Queriam aprender. Aprender o quê? eram uns desastrados. (TP)

failed with every encounter, like two people who disappoint each other in bed. What did they want in the end? They wanted to learn. To learn what? They were both disastrous.(TC)

Há necessidade mútua, ambos estão imersos em um relacionamento com vistas ao autoconhecimento. Dar o grande voo solitário representa o caminho emancipatório, ser senhor de si mesmo. As pedras (rochas) intermediárias e pequenas são alcançadas com dificuldade, no entanto, existe uma que é impossível. Nesse sentido, para Chevalier e Gheerbrant (1986, p. 828) “a pedra bruta também é considerada andrógina, e sabe-se que a androgenia constitui a perfeição do estado primordial”. Seria uma condição de cessação dos impulsos dicotômicos e polarizadores, necessários para a aprendizagem, porém impeditivos no processo de emancipação. Trata-se do estado mais difícil de ser alcançado no processo de individuação proposto por Jung (2016).

Vários povos em inúmeros momentos históricos vislumbraram a pedra como elemento carregado de simbolismo. Há pessoas, inclusive, que as colecionam ou apresentam uma atração por elas, pois carregam o sentido de estabilização, de duração e de fundamentação, opondo-se ao pensamento humano, que se apresenta, muitas vezes, com rapidez, mutabilidade e polarização. Nesse sentido, a última rocha é impossível de ser obtida pela personagem do TP. Por outro lado, no TC, enfatiza-se a ideia de lográ-la sem ajuda (*unaided*). Haveria o percurso que culminaria na posse de algo impossível. Desse modo, a escolha lexical do TC coloca em evidência outro traço, o da não necessidade de ajuda para conseguir chegar ao desenvolvimento máximo.

A moça, o moço e a casa

No que diz respeito aos sentidos simbólicos, Chevalier (1986, p.257) apresenta algumas conceituações que relaciona o vocábulo “casa” com o ser humano. Para o autor, ele representa, entre outras instâncias significativas, o interior do ser, sua parte feminina (refúgio, proteção e seio materno) e possibilidade de materialização de processos subconscientes ou conscientes, expressando também fases de desenvolvimentos ascendentes ou descendentes e estacionárias do ser humano. A “casa” é frequentemente *topos* literário por representar simbolicamente o ser humano, seus medos, sua necessidade de proteção, e suas fases anímicas.



Nas histórias infantis (Os três porquinhos, João e Maria, Chapeuzinho Vermelho etc.) e na literatura universal (*A casa de Usher* [Edgar Allan Poe], *Casa tomada* [Júlio Cortázar], *A casa das bruxas* [Lovecraft] etc.) a casa materializa e condensa inúmeras percepções e vivências que não encontram material para verbalização racional completa e consciente.

Com relação, mais especificamente, as fases de desenvolvimento do homem, Bettelheim, ao tratar sobre o simbolismo presente nas casas dos três porquinhos, afirma que:

As casas que os três porquinhos constroem simbolizam o progresso do homem na história: de uma choça desajeitada para uma casa de madeira e, finalmente, para uma casa de tijolos. Interiormente, as ações dos porquinhos mostram o progresso da personalidade dominada pelo id para a personalidade influenciada pelo superego, mas essencialmente controlada pelo ego (BETTELHEIN, 2008, p. 61).

Observa-se que o desenvolvimento psíquico narrado nos Três Porquinhos se mostra atrelado ao desejo do ego pela proteção física. As implicações ligadas ao princípio do prazer e ao princípio da realidade também são expostas e resolvidas. A moral da história está posta sobre um tom admonitório e de sanção, materializando, por seu turno, questões ligadas à vivência no plano físico, ou seja, a necessidade de proteção.

Outras casas, como a de Usher, são angustiantes e atemporais. A visão espectral causa paralisia e permanência da personagem dentro dela, de modo mais contemplativo e angustiante. Na *Casa tomada*, de Cortázar, há representação, entre outros aspectos, da invasão e da violência cometidas por agentes externos em um contexto de adaptação aos progressivos ataques.

A casa em *A mensagem*, por sua vez, traz a lume processos subscientes também angustiantes e não atrelados ao mundo material. São gestados a partir do encontro de dois estranhos e de suas respectivas trocas simbólicas e emocionais. O compartilhar acentua-se ao ponto de desembocar na casa e em suas características profundas.

O vago acontecimento em torno da casa velha só existiu porque eles estavam prontos para isso. Tratava-se apenas de uma casa velha e vazia. Mas eles tinham uma vida pobre e ansiosa como se nunca fossem envelhecer, como se nada jamais lhes fosse suceder — e então a casa tornou-se um acontecimento. (TP)

The vague event around the old house only occurred because they were both prepared for it. It was simply an old abandoned house. But their existence was impoverished and eager as if they were never to grow old, as if nothing would ever happen to them - and then the house was transformed into an event. (TC)



“Vago”, na caracterização do acontecimento, e “vazio”, na descrição da casa, podem ser atribuídos ao estado anímico do moço e da moça. A afinidade inicial, o alinhamento entre ambos por ocasião da percepção mútua do sentimento de angústia vai cedendo lugar ao nada. Não há mais um alinhamento, há o acontecimento em frente da casa e a constatação da “vida pobre” e “ansiosa”. Com uma vida pobre não é possível desenvolvimento da autoconsciência, da verbalização e encaminhamento de questões de conflitos e dos próprios anseios. O ser se abre a outros sentimentos como, por exemplo, a angústia e a ansiedade. Nesse sentido, angústia, etimologicamente, apresenta-se com o sentido “estreiteza”. Estar angustiado é mecanismo para focar (estreitar a visão), tentar entender o que está acontecendo, verbalizar e preencher as lacunas de sentido. É muito comum, nesses momentos, a diversão (ou afastar-se) como forma de aplacar ou esquecer o conflito. Assim, moço e moça tomam caminhos diferentes após descerem de um ônibus no final do conto.

No TC, o tratamento dado a casa é distinto, ela recebe o qualificativo *abandoned*, que traz para primeiro plano mais aspectos de desalento, prostração e apatia. Evidencia-se o não insistir na compreensão e o abandonar qualquer tentativa de preenchê-la. Uma casa vazia, mesmo que velha, ainda pode ser ocupada, mas uma casa abandonada, está, em muitos casos, fadada a colapsar.

Últimos olhares

A luta, o reconhecimento esfumaçado do que se é e do que se sente, mediado pela presença do outro – da própria *anima* e do *animus* também – são matérias rerepresentadas constantemente no conto de Clarice. Assim como durante pensamentos recorrentes, dos quais não é possível se livrar, a tessitura narrativa, até o último parágrafo, reconduz o leitor ao conflito inicial, irresoluto. Em um trecho final lemos que “Ele tinha acabado de nascer um homem.” para logo na sequência reconhecer que “Ele precisava dela com fome para não esquecer que eram feitos da mesma carne pobre [...]”. Há constante reorganização e reconhecimento de que algo que se compreendia antes não fora realmente compreendido em suas minúcias. A repetição aparece como elemento *ruminativo* (neurótico) que desemboca na reflexão e no vazio. Este uso frequente dos vocábulos “angústia”, “moça”, “moço”, “eles”, por exemplo, (constatada pelas ferramentas



da Linguística de Corpus) podem ser elencado como chave neste processo em espiral de reorganização do texto.

No seguinte excerto, podemos observar algumas características da *anima* no moço e da não resolução:

Que é! Mas afinal que é que está me acontecendo?
Assustou-se ele.
Nada. Nada, e que não se exagere, fora apenas um instante de fraqueza e vacilação, nada mais que isso, não havia perigo. (TP)

*What is it? What is finally happening to me? He asked himself in fear.
Nothing. Nothing. Let us not exaggerate, it was only a moment of weakness and uncertainty, nothing more, there was no danger.*(TC)

A intuição, o questionamento inicial, o susto e os problemas de difícil encaminhamento emergem da *anima* por meio do questionamento preliminar que é reprimido enfaticamente. A repetição do vocábulo “nada”. A rigidez e a racionalização são traços do masculino. É importante ressaltar que a teoria junguiana não valoriza ou discrimina os traços constitutivos do masculino e do feminino. Tampouco menciona que são aspectos exclusivos ou excludentes no homem e na mulher. Há, em cada ser humano, um pouco do outro ou muito do outro. A imiçãõ constitutiva do espírito humano por meio da integração dos opostos é exaltada. Assim como a compreensão mais profunda sobre si mesmo e sobre o outro. O que, conforme mencionado na parte teórica, recebe o nome de processo individuação. Integrar *anima* e *animus* e cessar o conflito. No que tange ao TP, nota-se que o tom inicial é mais incisivo (“Que é!”) e é seguida de um ponto de exclamação. Já no TC a expressão foi substituída e utiliza-se um ponto de interrogação, atribuindo à personagem um grau maior de insegurança, o qual é corroborado pelo emprego, à continuação, do vocábulo *uncertainty*. No TP, “vacilação”, encarna a possibilidade de escolher entre caminhos (*anima*, *animus* x individuação) que já podem ser previamente entrevistados. No TC, no entanto, a incerteza paralisa por um momento, sem abrir, naquela fração de momento, o leque de possibilidades de encaminhamento do conflito.

Ainda em relação a *anima*, em um excerto no final do conto, lemos:

De cada luta ou repouso, ele saía mais homem, ser homem se alimentava mesmo daquele vento que agora arrastava poeira pelas ruas do Cemitério S. João Batista. O mesmo vento de poeira que fazia

From every struggle or truce, he emerged ever more a man; to be a man nourished itself on that wind that even now was blowing dust through the streets near the St. John the Baptist Cemetery. The



com que o outro ser, o fêmeo, se encolhesse ferido, como se nenhum agasalho fosse jamais proteger a sua nudez, esse vento das ruas. (TP)

same dusty wind which caused that other creature, the female, to cower wounded, as if no clothing could ever protect her nakedness, that wind blowing through the streets. (TC)

A compreensão apresentada é de luta, de reprimir o lado feminino e fazer com que ele volte ao subconsciente, alimentando o masculino e fortalecendo-o. Assim, o feminino, ferido, encolhe-se e esconde-se.

Nesse sentido, Jung menciona que:

Nas suas manifestações individuais, o caráter da *anima* de um homem é, em geral, determinado por sua mãe. Se o homem sente que a mãe teve sobre ele uma influência negativa, sua *anima* vai expressar-se, muitas vezes, de maneira irritada, depressiva, incerta, insegura e suscetível. (No entanto, se ele for capaz de dominar essas investidas de cunho negativo, elas poderão, ao contrário, servir para fortalecer-lhe a masculinidade). (JUNG, 2016, p. 236)

Sair mais homem da luta é sair perdedor, é não integrar o lado feminino, é não se permitir questionar, sentir e vivenciar. Há uma diferença entre fortalecer a masculinidade e sair mais homem. No primeiro caso, há integração do princípio feminino e aceitação. No segundo, por sua vez, a mudança é superficial (alimenta-se do vento que varre a poeira), é, como narrado na separação das personagens, chamar a moça, que está no ônibus, partindo, de um zero e “não querer inclinar-se para ceder...” (as reticências são usadas no conto, materializando a cessação do pensamento e da reflexão.).

Nas últimas linhas, a luta, aparentemente resolvida, reemerge com o grito de “Mamãe” e a pergunta sobre a mensagem (Mas e a mensagem?!). A mensagem foi “esfarelada na poeira que o vento arrastava para as grades do esgoto”. A moça parece ter incorporado o princípio masculino e não aparece mais nas páginas finais; *animus*, na mulher, pode se manifestar pelo caráter frio, obstinado e inacessível, justificando, portanto, seu “desaparecimento”.

Por fim, cabe salientar que o conto merece outras análises, pois vários aspectos podem ser explorados, principalmente em relação aos traços de cada uma das personagens em seus respectivos processos de transformação desta legião de estrangeiros que se encontram e se usam como forma de obter acesso ao não dito, ao não refletido e ao arredo, buscam a palavra salvadora, mas seguem como estranhos de si mesmos.



Por sua vez, as escolhas tradutórias levantadas com o auxílio das ferramentas de *corpus*, principalmente no tocante à chavicidade das palavras no TP e no TC (em co(n)texto), demonstram que a temática e a frequência das palavras estão intimamente ligadas. Há no caráter repetitivo o gérmen para uma possível leitura do texto Clariciano. É no âmbito da palavra que repousa a investigação, bem como na chavicidade a ela atribuída em seus co(n)textos, sendo interpretadas com base em seus sentidos e na forma como eles podem levar a diferentes caminhos. Assim, os conceitos de *animus*, *anima* e *individuação* puderam ser empregados na leitura proposta pois o léxico do TP está intimamente costurado na confecção do drama humano apresentado e já teorizado por Jung.

Cabe salientar, por fim, que não nos limitamos a uma análise de cunho estritamente linguístico por entender que o objeto em tela demanda, além do instrumental da LC, um olhar contextual que se abre para os princípios da teoria junguiana. Reconhecemos que o texto como um todo traz à baila outros sentidos mais presos aos princípios analíticos da Linguística, contudo, o intuito de nossa investigação foi perpassar tais valores e pontuar como autora e/ou narrador fazem escolhas lexicais importantes por meio das quais emergem sentidos e vozes que encontram eco na Psicanálise e que o tradutor é, além de leitor, recodificador da intrincada rede semântica/psicológica construída no TP.



REFERÊNCIAS

ARROJO, R. *Oficina de tradução*. São Paulo: Ática, 2003.

BACHELARD, G. *A poética do devaneio*. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

BAKER, M. Corpus linguistics and translation studies: implications and applications. In: BAKER, M.; FRANCIS, G.; TOGNINI-BONELLI, E. (Ed.). *Text and technology: in honour of John Sinclair*. Amsterdam: John Benjamins, 1993. p. 233-250.

_____. *Corpora in translation studies: an overview and some suggestions for future research*. *Target*, v. 7, n. 2, p. 223-243, 1995.

_____. Corpus-based translation studies: the challenges that lie ahead In: SOMERS, H. (Ed.). *Terminology, LSP and translation studies in language engineering: in honour of Juan C. Sager*. Amsterdam: John Benjamins, 1996. p. 175-186.

BARBOSA, M.A. Considerações sobre a estrutura e funções da obra lexicográfica: metodologia, tecnologia e condições de produção. *Colóquio de Lexicologia e Lexicografia*. Lisboa, Universidade Nova de Lisboa, 1990, 229-241.

BARBOSA, M.A. Terminologização, vocabularização, cientificidade, banalização: relações. *Acta Semiótica et Lingvistica*, p. 25-44, 1998.

BASSNETT, S. *Estudos da Tradução*. Tradução de Vivina de Campos Figueiredo. Lisboa: Gulbenkian, 2003.

BERBER SARDINHA, A. P. *Uso de corpora na formação de tradutores*. D.E.L.T.A, v.19 (Especial), p. 43-70, 2003.

BERBER SARDINHA, A.P. *Linguística de corpus*. São Paulo: Manole, 2004

BETTELHEIN, B. *A psicanálise dos contos de fadas*. Trad. de Arlene Caetano. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2008.

CAMARGO, D. C. *Metodologia da pesquisa em tradução e lingüística de corpus*. São Paulo: Cultura Acadêmica; São José do Rio Preto: Laboratório Editorial do IBILCE, UNESP, 2007. 65 p., Coleção Brochuras.

CANDIDO, A. No raiar de Clarice Lispector. In: *Vários Escritos*. São Paulo: Duas Cidades, 1970, p.125-131.

CORTÁZAR, J. *Casa tomada*. In: CORTÁZAR, J. *Bestiário*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

CHEVALIER, J.; GHEERBRANT, A. *Diccionario de símbolos*. Barcelona: Editorial Herder, 1986.



DE FREITAS, L. F.; COSTA, C. B. A internacionalização de Clarice Lispector: história clariceana em inglês. *Cadernos de tradução*, v. 37, n. 2, p. 40-54, 2017.

DICTIONARY of Contemporary English. 5 ed. Pearson Longman, 2009.

DUBOIS, J. et al. *Dicionário de lingüística*. São Paulo: Cultrix, 1993.

FROTA, M. P. *As singularidades na escrita tradutora*. 1999. 277 f. Tese. Instituto de Estudos da Linguagem, Unicamp. Disponível em <http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/271183>. Acesso em: 12 set. 2017.

GERBER, R. M.; VASILÉVSKI, V. *Um percurso para pesquisas com base em corpus*. Florianópolis: Editora da UFSC, 2007.

GOUVÊA, A. P. A mulher em Bachelard: a gênese do devaneio. *Cronos*. Natal, v.4. n.1/2, p. 71-78, jan. 2003.

HANES, V. L. L.; GUERINI, A. Clarice Lispector sob a ótica da imprensa norte-americana: o caso do The New York Times. *O Eixo e a Roda: Revista de Literatura Brasileira*, v. 25, n. 1, p. 37-60, 2016.

HOLMES, J. (1988) The Name and Nature of Translation Studies. In *Translated! Papers on Literary Translation and Translation Studies*. Amsterdam: Rodopi.

JUNG, C. G. *O homem e seus símbolos*. Trad. de Maria Lúcia Pinho. Rio de Janeiro: HarperCollins Brasil, 2016.

JUNG, C.G. *Psicologia do inconsciente*. São Paulo: Editora Vozes, 2011.

LAVIOSA, S. *Corpus-based Translations Studies: Theory, Findings, Applications*. Amsterdam: Rodopi, 2002.

LIMA, T. C. S. *A tradução e os prazeres de descobrir o mundo de Clarice Lispector*. 2005. 210f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”. São José do Rio Preto, 2005.

LISPECTOR, C. *A descoberta do mundo*. Rio de Janeiro: Rocco, 2008.

LISPECTOR, C. *A legião estrangeira*. Rio de Janeiro: Editora do Autor, 1964.

LISPECTOR, C. *The Foreign Legion*. Translated by Giovanni Pontiero. New York: New Directions Publishing, 1992.

MAGALHÃES, C. M. Pesquisas textuais/discursivas em tradução: o uso de corpora. In A. Pagano, (Org.), *Metodologias de pesquisa em tradução*. Belo Horizonte: FALE-UFMG, 2001. p. 93-116.



MAURI, C. Uma análise do ponto de vista em *A Hora da Estrela* e *Laços de Família*, de Clarice Lispector, e nas traduções italianas *L'ora Della Stella* e *Legami Familiari*. 2009. MERCADÉ, I. Clarice Lispector nas margens do real. *Olho d'água*. São José do Rio Preto. V. 7, n. 2, p. 141-153.

MUNDAY, J. *Introducing translation studies: theories and applications*. London, NY: Routledge, 2001.

POE, E. A. A queda da casa de Usher. In: POE, E.A. *Contos de terror, de mistério e de morte*. Tradução de O. Mendes. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981. p. 80-98.

ROCHA, C. F.; CAMARGO, D. C. Tendências à explicitação em *A Legião Estrangeira* traduzido para o inglês com o título *The Foreign Legion* por Giovanni Pontiero. *Acta Scientiarum Language and Culture*, v. 34, n.1, p. 113-120, jan.2012.

SCOTT, M. *WordSmith Tools Suite*. versão 6.0. 2015.

STEINER, G. *After Babel: aspects of language and translation*. 3 ed. USA: Oxford University Press, 1998.

TOGNINI-BONELLI, E. *Corpus linguistics at work*. Amsterdam/Atlanta: John Benjamins, 2001.

Biografia dos autores

Celso Fernando Rocha é professor no Departamento de Línguas Modernas da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, câmpus de São José do Rio Preto (IBILCE/UNESP). Doutor em Linguística Aplicada pelo Programa de Pós-Graduação do IBILCE/UNESP (2010) e graduado em Bacharelado em Letras com Habilitação em Tradução (inglês/espanhol) pela mesma Instituição (2004). Tem experiência na área de Linguística, com ênfase em Tradução, atuando principalmente nos seguintes temas: Tradução juramentada, Linguística de Corpus, Estudos da Tradução Baseados em Corpus, Ensino de Língua Inglesa e Espanhola.

Talita Serpa é Pós-doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, câmpus de São José do Rio Preto. Possui os títulos de Mestrado (2012) e Doutorado (2017), outorgados pela mesma Instituição. Realizou estágio de doutoramento na The University of Manchester e trabalha com os seguintes temas: Tradução, Estudos da Tradução Baseados em Corpus, Pedagogia da Tradução, Tradução Pedagógica e Linguística de Corpus.